

HERÓIS SEM ROSTOS - A Saga do Imigrante para os EUA

Autor: Dirma Fontanezzi - dirma28@hotmail.com

TRECHO: CAMINHOS DE PEDRA

Sou Rona, Segunda filha de três irmãs, de um casamento de quinze anos. Meus pais se separaram quando eu tinha doze anos de idade. Com a separação de meus pais as coisas se tornaram mais difíceis, com a nova situação. Minha irmã Grace mais nova e a Deyse mais velha ficaram morando com o meu pai, eu fiquei com a minha mãe Ana Maria, na intenção de protegê-la. Recebi uma boa educação por parte de minha mãe. Me formei em Administração de Empresa e trabalhava..... e estava sempre em contato com minhas duas irmãs. Decidi vir para os Estados Unidos para poder dar uma melhor condição de vida para minha família, pois não só eu como minhas irmãs tínhamos o desejo de ser alguém na vida. Foram sete anos de tentativas fracassadas, e já sem esperança de conseguir o visto por meios legais, para chegar aos Estados Unidos. Então decidi ir para Portugal, conseguir dinheiro, pois não tinha outra opção. Deu tudo errado, o trabalho que eu fora contratada não deu certo, e tive que sair de Portugal às pressas por medo do lugar em que trabalhava. Dei o meu endereço em Portugal para uma pessoa amiga, que foi me buscar. Trabalhei em Portugal por cinco meses, como dançarina na tentativa de conseguir o tão sonhado dinheiro para eu tentar mais uma vez vir para os Estados Unidos. Fiz contato com uma pessoa que iria me vender um passaporte, e visto, com a garantia que tudo sairia certo, mas eu teria que fazer a travessia pelo México.

Assim com o passaporte e o visto em mãos, fui para o México. Chegando no aeroporto da cidade do México, me dirigi ao balcão para comprar a passagem, e ligar para minha irmã Deyse residente nos Estados Unidos para avisar que tinha chegado e que estava tudo bem, na realidade só precisava saber o nome da cidade que eu deveria comprar a passagem, mas fui abordada por um senhor muito bem vestido, mas na realidade não inspirava confiança. Ele disse que trabalhava para mim, e eu disse-lhe, que ele não trabalhava para mim, pois eu não o conhecia, e também não tinha dinheiro para pagar-lhe. Então ele respondeu que iria me atravessar pela fronteira, Eu respondi que não precisava, pois o tinha visto, e portanto não havendo necessidade de ajuda. Mesmo com a minha negativa ele pegou as minhas malas, dizendo que iria me ajudar, e saiu, carregando a minha bagagem, e eu correndo atrás dele. E neste momento me dei conta que o senhor já estava envolvido com a minha situação. Consegui ligar para minha irmã Dulce e ela disse para eu comprar a passagem para Tijuana. Ele sabia o local e hora da minha chegada, e chegando no guinche ele me pediu o dinheiro, e comprou a minha passagem. Mas uma vez eu disse a ele que não precisava de sua ajuda, porque eu iria para um hotel. Ele respondeu que a cidade do

México era fria e perigosa, que eu poderia ser morta. Neste momento eu disse novamente para o senhor, que não o conhecia, e que ele também não sabia nada sobre mim, e eu não tinha a intenção de contrata-lo para me ajudar. Eu muito apreensiva tinha confiado a ele que estava com bastante dinheiro, ser perceber, devido ao medo, pois tremia demais e o medo que eu tinha da cidade.

Resolvi aceitar a ajuda dele, para me levar até o hotel, mesmo sem confiar no senhor. Chegando no hotel vi que ele realmente conhecia todos do hotel, assim ficando um pouco mais segura, e com medo ao mesmo tempo. Fui para o quarto e ele ficou esperando para que eu desse dinheiro para ele. Eu peguei uma quantidade de dinheiro, e dei para ele, e me disse que aquele dinheiro não dava nem para tomar um café. Pedi para trocar de quarto, pois o medo era muito naquela situação bastante insegura. Eu tinha de ficar por uns dias na cidade do México, para despistar a imigração, dando a impressão que era uma turista na cidade. Nestes três dias este senhor batia todos os dias na minha porta, eu podia entender o que ele dizia que, se eu não abrisse a porta eu iria me arrepender muito. Ele repetia que se eu não abrisse a porta me arrependeria, e portanto me estava dando a última chance, aumentando ainda mais o meu medo, eu não abria a porta. Eu estava apavorada! No hotel não tinha comida, e era só a diária, a fome era muita. Sai na rua perto do hotel para comer algo, e conheci um casal, que vendia tacos. E conversando com eles, que riem o tempo todo do meu modo de falar o espanhol errado.

Chegando o dia da minha partida fui para o aeroporto, peguei o voo para a cidade de Tijuana. Chegando lá tive de pegar um ônibus, e viajar por mais cinco horas para chegar até a fronteira, e depois trocar de ônibus para seguir para a cidade de Lugares. No ônibus havia muitas pessoas, e eu era a única estrangeira, o resto eram todos mexicanos, que tinham documentos. Chegando em uma parada do ônibus, a imigração fiscaliza, verificando a existência de drogas ou algo assim. Pediram todos os documentos dos passageiros, e em seguida liberam o ônibus. Então todos desceram, e eu fiquei no pátio e algumas mulheres foram ao banheiro, e quando eu estava me dirigindo para o banheiro, um guarda bateu nas minhas costas, e pediu novamente para verificar os meus documentos. Era um oficial da imigração. Quando ele pediu os meus documentos comecei a ficar pálida, com o nervosismo minhas pernas começaram a tremer e percebi que algo de errado tinha acontecido. O oficial olhou os meus documentos e só balançou a cabeça, e passando o braço sobre o meu ombro, e disse: vem comigo! Ele passou o passaporte no scanner para ver se o visto era verdadeiro, só a montagem da foto que não era verdadeira. Não sei como, mas os policiais conseguiram falar com a pessoa que providenciou o meu visto, e esta pessoa confirmou que o visto não era cem por cento confiável e que não tinha garantia, mas se outras pessoas conseguiram passar pela fronteira, eu também poderia. Então os policiais começaram a fazer mais pressão psicológicas, me prenderam em uma sala, onde só tinha um vaso sanitário, e eu fiquei lá, por algumas horas esperando a chegada

de uma policial feminina para me revistar. Pegaram o meu dinheiro, e contaram, e perguntavam o que eu fazia, onde eu trabalhava, e até o que eu comia, e diziam que meu nome não era Rona. Eles estavam realmente dispostos a provar que eu não era a pessoa que dizia ser. Então comecei a argumentar um pouco mais seria os enfrentando exigindo mais respeito, porque eu não era nenhuma marginal. Eles estavam realmente fazendo uma grande pressão psicológica comigo. Naquele momento estava passando um homem preso, e algemado pôr tráfico de drogas, segundo o chefe dos policiais que estava me interrogando. Ele apontando para o homem disse-me: se você não disser a verdade, vou coloca-la junto com aquele traficante. Eu disse que não tinha cometido nenhum crime, para ficar junto com aquele bandido. O chefe gritando dizendo que se eu não contasse a verdade sobre o visto, eu ia mesmo ficar com aquele bandido. Eu negando dizendo que estava falando a verdade, e sem mais argumento, me mandaram novamente para a cela então entrei em pânico! Eu que já havia gastado quase todo o dinheiro para chegar até ali, e só com algum dinheiro para terminar a viagem, e sem saber o que poderia acontecer dali para frente. Portanto minha chance de chegar aos Estados Unidos, e com as dívidas adquiridas para ir para Portugal que ainda estava pagando, e chegando naquele ponto tinha acabado tudo, saíra errado. Isto era dez da manhã, e eu fiquei até as nove da noite, quando eles trocaram o turno. Os que chegaram me fizeram assinar os papéis qual eu afirmava que tudo era falso, e que eu tinha feito com intenção.

Me obrigaram a assinar, alegando caso não assinasse, ficaria ali pôr tempo indeterminado, sem saber quando sair dali. Eles diziam que o carro que poderia me levar já estava saindo. Eu desesperada pedi para fazer uma ligação, mas não deixaram, ficaram rindo de mim, fazendo chacota, e apontando dizendo que eu era bad girl e que eu estava brincando com eles e era uma artista que não deveria estar ali. Entre todos os policiais teve um único que foi gentil comigo dizendo para eu não me preocupar, que tudo iria sair bem. Mas o chefe era muito grosseiro, rude, agressivo, muito malvado, me tratou como se eu fora uma criminoso. Eles não fazem distinção de ninguém todos para eles são bandidos, mal caráter, e que não existem pessoas boas, na concepção deles.

Eles rabiscaram o meu passaporte, bagunçaram com todas as minhas coisas. No final devolveram o meu dinheiro sem tirar um centavo, e me deixaram tomar água, pois estava morrendo de sede. Pedi novamente para fazer uma ligação e o meu pedido foi negado. Eles ficaram rindo, e perguntando se eu estava de férias e achava que ali era um hotel de cinco estrelas, mas eu estava arrasada e um medo terrível! Eles pegaram um carro, e mandaram-me levar toda a bagagem sozinha, eles olhando e rindo, pois eu tinha uma mala muito grande e eu muito magra. Me colocaram no banco traseiro do carro, como são tratados os criminosos. Me deixaram na fronteira, dizendo que só estavam me levando de carro pelo fato de estar muito escuro e tarde, e que eu poderia ser morta pelos coyotes, e teria que ir a pé até a rodoviária, alguns quilômetros do posto da guarda.

Chegando na rodoviária de uma cidade, que não fiquei sabendo o nome de lá tive de tomar outro ônibus de volta, peguei o ônibus e viajando pôr mais cinco horas. Na rodoviária da cidade, consegui um celular emprestado, e liguei para minha irmã. Eles não me deportaram para o Brasil, só fui afastada da fronteira, e para onde ir o problema era meu. Minha irmã Deyse estava muito arrasada, pois estava me esperando na rodoviária de Tucson no Arizona com flores, e tinha sido um dia muito difícil, pois ninguém sabia do meu paradeiro das nove da manhã ate as onze da noite. Peguei um taxi, e fui para o aeroporto tudo muito caro, principalmente quando eles percebem que se trata de estrangeiro. Fiquei das três da manhã ate as dez da manhã que sairia o próximo vôo para a cidade do México. Esperei o aeroporto abrir, para tentar trocar minha passagem para o Brasil, mas sem sucesso. Liguei novamente para minha mãe, contando o que estava acontecendo, e ela me disse que não era para eu voltar, que deveria seguir em frente, pois voltando seria pior porque tinha deixado muitas dividas para serem pagas e já não tinha como saldar as dividas. Então sentei-me num banco e chorei bastante assim passei a noite no aeroporto.

Chegando novamente na cidade do México, apavorada, sem saber para onde ir, pois não poderia voltar mais naquele hotel onde estivera antes. Me lembrei que havia conhecido Rosa uma moça que trabalhava em uma agencia quando sai de Portugal para o México. Liguei para ela pedindo ajuda se ela poderia me levar na casa do casal mexicano que conheci, pois não sabia mais o que fazer de tão apavorada que estava. Ela veio me apanhar mas não conseguimos encontrar a casa do casal. Ela me disse que o local era uma área muito perigosa, e que na realidade seria melhor eu ir para um hotel. Já eram onze horas da noite, e minhas mãos estavam muito inchadas, e doloridas, eu muito cansada de tanto carregar a bagagem de um lado para o outro, pois no aeroporto tinha de ficar me movimentando para não dormir.

Fui então para um hotel, em frente ao aeroporto passando a noite lá, e finalmente consegui, quase sem voz ligar para o meu namorado João Henrique na época, foi quem emprestou-me uma parte do dinheiro para eu chegar nos Estados Unidos. Conversei com o meu Joao Henrique, e ele ficou apavorado, pois era contra a minha ida ilegalmente. Também falei com minha mãe, que já sabia do acontecido, através de minha irmã. E conversando com minha irmã Deyse, ela me disse que uma pessoa iria me buscar na manhã seguinte, para que eu não tivesse que pagar mais diárias de hotel que era muito caro, cem dólares só para pernoitar. Tomei um banho e fui dormir, e na manhã seguinte chegou no hotel, uma moça chamada Margarida, que foi me buscar era muito simpática, e gentil, deixando-me mais tranqüila, pois estava muito nervosa, e com muito medo. Fui para casa dela uma casa humilde, mas fui recebida com muito carinho. Fiquei na casa da Margarida pôr doze longos dias, e como lá tinha telefone, me permitia entrar em contato com a minha irmã que na época trabalhava como gerente do Burg King. Ela quem contratava o pessoal sabia quem era legal ou não. Todos sabiam da angustia de minha irmã com a minha travessia pelo México. Ela ficou três dias sem ir

trabalhar, devido a situação em que estávamos vivendo, e ela sem aceitar que eu pôr sete longos anos estava tentando chegar aos Estados Unidos, e não conseguir, quando já estava tão perto de alcançar o meu objetivo. Lá no emprego de minha irmã tinha um funcionário que compadecido com a situação ofereceu ajuda. A Margarida era esposa deste rapaz, e outros também quiseram colaborar se comprometendo a arrumar um coyote de confiança para me atravessar. Os dias que passei na casa da Margarida foram bem difíceis, pois as horas não passavam, e eu ficava trancada na casa o tempo todo, porque estava morrendo de medo da policia. Com o passar dos dias fui me acalmando, e me preparando psicologicamente para aceitar tudo o que tinha acontecido. Então chegou o dia da travessia, Eu tive que voar da cidade do México para a cidade de Hermosillo, sabendo que alguém iria me apanhar, mas estava novamente atirando no escuro, sem saber quem era a pessoa que iria me buscar, não houve comunicação com a pessoa que faria a minha travessia. Só sabia que eles iriam dizer que eu era índia, pois não falava o espanhol.

Quando chego na cidade de Hermosillo, não tinha ninguém me esperando, aumentando ainda mais o meu desespero! Depois de uma hora e meia, chega um casal, muito bem vestidos, e simpáticos, e já dirigindo a mim, pegando minha bagagem, eu entregando tudo a eles, só ficando com um pouco do dinheiro. Na realidade só vinte dólares pedindo para eles ficarem com o resto caso de acontecer algo comigo, o dinheiro estaria seguro.

Seguimos para um deserto, um mercado muito sujo, e lá estavam umas pessoas me esperando, e dizendo para eu não me preocupar, que tudo acabaria bem. O senhor do casal me disse que conhecia a pessoa que o tinha pedido para me atravessar, e que era de muita confiança, e que eu ficasse calma. Eu só tinha a roupa que estava vestindo, e uma bolsinha pôr baixo da roupa e os vinte dólares, mas o telefone que o casal me deu escrito na pontinha de um guardanapo, pois caso fosse pega pela policia, eu deveria engolir o papel, para não comprometer o casal, que não fiquei sabendo o nome.

Fiquei pôr algumas horas neste mercado, e outra pessoa me pegou de carro, um sujeito que não inspirava confiança, com mal aspecto, de cabelos compridos, unhas bem sujas, bem apavorante! O carro caindo aos pedaços, e ele não deu nem uma palavra, e eu tentando falar com ele, para saber o que estava acontecendo, mas ele dizia que não sabia de nada, que era para eu ficar quieta e calada, então obedeci.

Chegando em um determinado lugar horrível, no meio do deserto, tinha uma casinha, ele parou o carro, e fui trocada de carro, desta vez entrei em outro carro todo preto com insulfime, e fiquei sentada no banco traseiro, tinha umas roupas imundas, e cheio de moscas. Eu pensei: aqui eles podem fazer o que quiser comigo podem ate mesmo me matar que ninguém nunca iriam me achar. Saímos e foram pegar uma moca que entrou no carro, e mais outro homem, e chegaram mais coyotes, e eles começaram a conversar, e derrepente, já estavam gritando, brigando como uns loucos. Eu fiquei curiosa, e perguntei para a moca, o que estava acontecendo, e a moca me perguntou de

que pais eu era, e respondi que era do Brasil. Ela então ela disse, que eles estavam brigando pôr minha causa, pôr eu não falar o espanhol, que não iriam me atravessar. Com aquelas palavras entrei em panico! Eles disseram que iriam me deixar ali mesmo, então implorei, para não ficar naquele lugar, pois não sabia para onde ir, naquele deserto sozinha. Neste momento um coyote se aproximou do carro, e estava completamente bêbado, me dizendo para eu não me preocupar, que ele iria me atravessar a fronteira. Como eu não falava o espanhol, e pelo fato de ser estrangeira, eles cobram muito mais caro, e no meu caso eles estavam cobrando o preço da travessia de um mexicano. Se a policia pega um coyote atravessando alguém que não seja mexicano vai preso, e penalidade e bem maior. A partir dali seguindo viagem, pôr mais uma hora, e os coyotes pegaram mais pessoas para despistar a policia. Chegamos num lugar mais horrível ainda! Era uma vala, bem grande, ela passava toda a lateral dividindo essa cidade e Estados Unidos, Dividindo México com o Texas.

Ficamos parados pôr alguns minutos, e os coyotes disseram que tínhamos de atravessar e correr muito, o tanto que pudéssemos, para chegar do lado de lá, que teria um carro branco nos esperando. Eu e a moca que na realidade éramos só as duas que iríamos atravessar, pois o resto das pessoas eram só para despistar a policia. Chegando lá, os coyotes disseram que não podíamos ficar molhas, e tiramos a roupa. A cada momento eu estava ficando mais apavorada, ao mesmo tempo sem saber o que fazer, pôr que teríamos que fazer o que eles determinavam, ou voltar. Tive que seguir como minha mãe havia dito, seguir em frente, e não voltar pôr nada. Neste momento eu apavorada pensei em ser violentada, ou morta e jogada no rio, e pronto. Fiz uma oração, pedindo a Deus proteção, pois não estava fazendo aquilo pôr ser uma pessoa desonesta, eu só queria uma chance de uma vida melhor, e ter oportunidade de trabalhar. Tive a esperança que nada de mal iria me acontecer que eu deveria seguir em frente.

E o coyote olhou para trás, e disse para eu não me preocupar, que ele não iria tocar em mim e fazer nada de mal. Tirei a roupa da cintura para baixo, e o coyote disse que ia segurar a minha mão porque a correnteza era muito forte, e como eu era muito magra a correnteza poderia me levar aí ele não podia fazer nada pôr mim. Realmente, se ele não tivesse segurado a minha mão, a correnteza teria me levado, e eu tinha descido rio abaixo e nem teria chance alguma. A água estava muito gelada, eu estava congelada, já sem sentir o meu corpo. O coyote me ajudou a chegar do outro lado, e disse que não tinha tempo para vestir a roupa, mas o instinto de cobrir o corpo foi tão grande, que eu disse a ele que não ia seguir despida pois estava completamente congela. Vesti uma calcinha rapidamente, e segui correndo pôr aquele caminho, empurrando a moca que também estava travessando, pelo fato dela ser gordinha, não conseguia correr. Ela parava e respirava com muita dificuldade. O carro passava do outro lado do rio, e pôr varias vezes buzina avisando que já deveríamos estar no lugar marcado, mas a moca não conseguia correr, e eu tinha de empurra-la e correr ao mesmo tempo, e tinha muitas

pedras, e nos descalças machucando os nossos pés congelados. Chegou um momento que nossos pés completamente dormentes e machucados, sem que percebêssemos, o que estava acontecendo com eles. Eu continuava correndo e empurrando a moça, e olhava para trás para ver se alguém estava nos seguindo, e via o coyote acenando que era para continuarmos correndo. Chegando do outro lado tinha um homem esperando no carro muito nervoso, pois estávamos atrasadas, pois a moça não conseguia correr e acompanhar o pique. Entramos no carro ai o homem se acalmou um pouco, e fomos para a casa dele. Ele morava num trailler, e me pediu o telefone do casal que me apanhou no aeroporto e que estava acertando a minha travessia, para avisar que eu já me encontrava nos Estados Unidos. Ele ligou, e o casal disseram para esperar, pôr que eles ainda estavam na fila da imigração, e que não tinham conseguido ainda travessar, isto com passaporte, e vistos legais. Neste momento percebi que eles se julgavam serem tão grandes mas frágeis na defesa deles, que eu passei primeiro que eles, com documentos legais. Ficamos esperando pôr três longas horas e eu conversando, eles tentando entender o que eu estava falando, ate descobrirem que eu era brasileira, que não sabia falar espanhol, daí eles pediram mais dinheiro, não contentando com a quantia paga pelo casal. Na hora de me entregar, eles pararam os carros, num lugar estranho e disseram que só me entregaria se eu pagasse mais. Eu disse a eles que poderiam pegar tudo, já que estava nos Estados Unidos, paguei o que eles pediram, e fui para casa do casal, eles me deram abrigo para eu dormir, Depois tomei um banho para tirar a roupa suja de lama, devido a travessia, ai que percebi a situação dos meus pés, muito machucados, cortados e inchados. Não consegui dormir, e nem comer nada naquela noite. Passei a noite na casa do casal esperando mais uma vez, um novo contato me buscar.

A viagem ainda não tinha terminado, pois teria que sair do Texas. No momento que entrei no carro, para continuar a travessia ate chegar na casa de minha irmã, existem umas guaritas que os guardas pegam os documentos das pessoas, ou eles liberam, ou chamam a imigração. Tinham dois carros na nossa frente, e eles verificaram os carros, e quando chegou a nossa vez, fecharam a guarita para o lanche. Esperamos e fomos liberados e viajamos pôr mais doze horas, ate chegar no Arizona, onde uma das minhas irmãs Deyse morava. Fiquei alguns dias na casa do meu namorado Joao Henrique na época, depois viajei do estado de Utah, ate o estado de New Jérsey, de trem pôr três dias, sem saber o que fazer, pôr não saber o inglês, e ainda morrendo de medo da policia, sem uma identificação segura, e com medo da imigração, pois nunca sabemos quando eles vão agir.

Cheguei ao meu destino que era o Estado de New Jersey, para ficar com a minha irmã Deyse, que me deu apoio todo o tempo, financeiramente, e psicologicamente me dando forcas, desde a minha primeira tentativa de passar pelo México que fui deportada. Minha irmã conversou muito comigo, dizendo que o maior desespero e viver ilegalmente nos Estados Unidos.

O meu maior medo continua, pois sendo ilegal, levando uma vida como uma criminosa, procurada pela imigração, dos Estados Unidos, e um medo constante.

Minha irmã me ajudou a entender que, não sou a única, sou apenas mais uma, em busca de uma chance de uma vida melhor.

Desde que cheguei aqui, tenho aproveitado todas as oportunidades, e tenho procurado aperfeiçoar o meu inglês cada vez mais. Estudo muito, tenho ajudado minha família no que posso, e guardado algum dinheiro, trabalhando num trabalho totalmente diferente do que fazia no Brasil, eu limpo casas, e o que da mais dinheiro. Não me envergonho deste trabalho, pois, para limpar casa, você tem que ser qualificada, falar o inglês, pôr que temos contatos com pessoas muito ricas de alto padrão de vida. Me casei com o Joao Henrique e somos muito felizes como casal, havendo uma grande cumplicidade entre nos. Minha mãe vem aos Estados Unidos duas vezes por semana, já que todas filhas estão aqui.

Desde 2002 estou esperando que o governo americano me de uma chance, e para outras pessoas que estão na mesma situação que eu, que possamos ter direito a uma vida digna. Tudo que se vai fazer aqui sendo ilegal, o preço e quatro vezes maior, as dificuldades dez vezes maior. Os ilegais para tirar uma carteira de motorista paga muito mais caro, e ate tem que ir para outro estado tirar a bendita carteira, se bem que agora já pode tirar em New York a partir deste mês. Mas são essa pessoas que ajudam o pais crescer com o seu suor. Assim vivemos na dependência de amigos legalizados que nos ajudam. Espero que esta minha historia mostre para as pessoas que, e mais do que ser imigrante, e ter coragem a cada dia para enfrentar os desafios, e saber que não pode dar um pulinho na casa de familiares e amigos. A saudade do Brasil e muito grande, mas sou extremamente grata pôr estar aqui, mas não quero passar a minha vida inteira limpando casa. E um trabalho digno, mas, para minha estrutura física e pesado. Tenho planos de um dia poder fazer uma faculdade aqui nos Estados Unidos, para ter um melhor emprego, mas para isto tenho que ser legal no pais.

Pelo que passei procuro valorizar a cada dia pelo fato de ter conseguido chegar aqui com vida, pois milhares de pessoas perdem a vida na travessia do deserto do México, na esperança, de um emprego, para poder ajudar as suas famílias.

Foi a falta de oportunidade em meu pais que fez com que eu viesse para ca.

Apesar de tudo acho que o Brasil tem capacidade de se tornar uma grande nação, e dar oportunidade para todos os que tem o desejo de voltar para o seu pais, e não terem que passar pôr tudo o que passei.